

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

MODAS.



Ainda fatigada das folganças dos Reis, pégo na penna sem saber o que vos direi.

Escreveria hoje com mais prazer uma descripção dessa noite que passet em Andarahy, do que uma descripção deste figurino que tenho diante de mim para ver se me inspira.

E na verdade, contemplando-o, sinto ferver-me na cabeça uma porção de idéas a respeito de modas, que só talvez com difficuldade poderei exprimir-as claramente.

Eil-as: são dictadas pela convicção; são a minha opinião que sujeito á vossa.

A moda é uma sciencia pratica, ou antes, uma arte: ella tem os seus principios absolutos que residem na imaginação, e os seus principios hypotheticos estabelecidos pela experiencia dos factos. Póde-se defini-la — a arte de enfeitar o corpo, tendo por fim adornar, e por natureza o bom gosto do *toilette*; ou mais desenvoltadamente a moda, segundo eu a entendo, é o principio pratico que traduz a belleza dos adornos, que a imaginação cria, para ornar a graciosa formosura da mulher, e tambem segundo alguns, a graye elegancia do homem.

Teremos occasião de nos occupar dessa opinião: por ora apenas diremos, que para o sexo feio não constitue sciencia — não é uma arte.

Mas, tal como a iamós considerando, ninguém

póde desconhecer a sua utilidade, e a nobreza de que ella ciuge as *lionnes* de nossos salões.

Para provar-o, basta contemplar-se a mulher formosa dos campos, e uma simples belleza da corte trajada *comme il faut*.

Resulta da comparação — que prefere-se a segunda á primeira, e por uma razão muito clara.

Por mais bella que seja uma mulher, é necessario um pouco de arte para merecer a admiração do homem. Isto é uma lei da natureza; por ventura o brilhante bruto tem o valor do brilhante lapidado?!

Ou seja porque os homens não comprehendem a natureza, ou porque as cousas lhes sejam dadas imperfeitas, para que elles tenham o trabalho de aperfeiçoal-as como um meio de progresso, o facto é que isso se dá.

Não julgue-se porém a moda pelos abusos que se faz della: em vez de afeiar e de incommodar, pelo contrario, quando ella é bem comprehendida, dá graça, commodo, decencia e magestade, aos ornamentos e ao vestuario da mulher. Ella tem a sua philosophia e a sua poesia.

A philosophia da moda, quanto á mim, não é a affectação; mas a commodidade, decencia, e a simplicidade: a sua poesia não é o caro; mas a graça e o bello.

Não quero dizer com isso, que tudo que for barato é moda; mas sim, que só por uma cousa

ser cara não a constitue: esta condição é secundaria, depende das outras; quando se não pôde realisar o bello, a graça, a decencia, sem o caro, esse elemento é parte constitutiva da moda.

Compete á arte a combinação dessas diversas necessidades; e d'ahi é que vem que as modas do verão não são as mesmas da estação fria, nem as modas de um anno as mesmas do anno seguinte.

Mais que todas as artes, ella está sujeita ao progresso, e por consequencia á uma variabilidade mais constante.

Como principio pratico, depende de circumstancias physicas, assim como a sua theoria é creada e methodisada pela imaginação.

Se poderia dizer, que cada cabeça devia ter um penteado e uma grinalda diversa, que cada cintura deveria ser apertada por uma fita ou um corpinho differente, porque não existem duas cabeças iguaes; nem duas cinturas semelhantes; mas não se deve exigir da moda-todas essas particularidades.

Elia apresenta apenas as regras geraes, não desce á esses pontos especiaes, que ficam sujeitos ao gosto de cada um.

E' como em musica: muitas vezes duas pessoas cantão ou tocão o mesmo romance ou a mesma aria, e entretanto gosta-se mais de ouvir uma do que a outra. Diz-se então que aquella canta ou toca com mais gosto que esta.

Quantas vezes tambem, de duas moças trajadas á moda, diz-se entretanto que uma está vestida com mais gosto do que a outra?

Estabelece-se tal penteado para uns cabellos louros, tal grinalda para umas franças negras, tal vestuario para uma moreninha como eu, tal

enfeite para uma linda *clarinha*; mas tudo em geral, deixando-se á imaginação de cada uma supprir as particularidades á que não pôde descer a arte.

Muitas vezes tambem pôde-se modificar as regras estabelecidas, sem contudo desnaturar a moda, que é o bom gosto universal.

Eu já ouvi um moço de talento dizer, e concordei com elle, que uma mulher que sabe vestir-se, que põe em pratica todos os preceitos da moda, vale mais para elle, do que a que não os comprehende e executa; porque aquella indica um bom gosto mais lindo, um espirito mais intelligente, uma imaginação mais poetica.

Finalmente só vos direi, que a moda varia conforme os diversos paizes: é como a poesia, a musica, a litteratura, etc.

Vede, por exemplo, se as nossas modas copiadas dos Francezes são as mesmas do Oriente.

Por hoje basta: tratei tão scientificamente da materia, que quasi estou me julgando habilitada para uma cadeira.

Quando se reunirem as camaras concorrei para se a crear; e então tereis uma *lente* de dezeseis annos.

Ahi vai a gravura que suggeriu-me esta dissertação que acabais de ler.

E' miúda e digna de ser imitada: para vos trajardes, tal qual vos mostra a estampa, recorrei á interprete das modas — as modistas de primeira ordem.

Córté, 40 de Janeiro de 1854.

Ritinha.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

TOILETTE DE MEIO LUTO. — Penteado de cabellos ondedados formando cachos á ingleza: traça em volta do amarrado.

Vestido de nobreza preta lisa. Saia enfeitada com seis folhos estreitos da mesma fazenda e um de filó preto, largo, dispostos da maneira seguinte:

Tres ordens de folhos estreitos em cima, orlados de fita estreita de veludo acompanhada de renda *quipure*, tambem estreita.

No meio, um só folho da largura dos tres de cima, de filó preto, todo coberto em distancias iguaes de fitinha estreita de veludo, á maneira de listras.

Em baixo, formando a barra desta guarnição, outros tres folhos justamente iguaes aos tres de cima.

Corpo afogado, liso, de cintura redonda, enfeitado em todo o peito até á cintura de uma guarnição á guisa de alamares progressivos de fitinha de veludo, e uma ordem de lacinhos no meio.

Mangas largas, presas abaixo do cotovello por um punho enfeitado de um folho de tafetá, e laços.

Sub-mangas e collarinho de ponto d'Alençon.

TOILETTE DE PASSEIO DE MANHÃ. — Chapéo de blond, e plumas guarnecendo a beira da aba, collocadas ao correr, uma para cada lado; e por dentro uma grinalda de pequenas rosas vermelhas, ficando uma rosa solta, quasi junta á face do lado esquerdo. Cabellos em bandós folhos e ondedados.

Vestido de *noire antique* verde: saia lisa: corpo afogado, aberto em V adiante, de bico redondo: uma renda *quipure* recortada guarnecendo o talho do corpo. Mangas semi-largas e quasi direitas.

Chale de *cachemire* franceza, muito leve, e mui proprio para o calor.

E' um lindo ornamento e uma novidade recommendavel.



3

372

J. L. L.

[Handwritten signature]



LE MONITEUR DE LA MODE

*Chaque de la Maison, Marequet au sur, Reichen, Messis de Constantin, Rue de Valenciennes, Paris.
Chaque de la Maison, Dehèle, de Charente et de la Seine, Courcelle de la Ville, Rouen, Paris.
Chaque de la Maison, Desjardins de Valenciennes, de Valenciennes, Rouen, Courcelle de la Ville, Paris.
Chaque de la Maison, de Valenciennes, de Valenciennes, Rouen, Courcelle de la Ville, Paris.*

Paris, Rue de Valenciennes, 22.

LONDON at the Foreign Office, 22, Abchurch Lane, NEW YORK, 10, Nassau Street, and elsewhere.

MULHERES CELEBRES.

C

(Continuado do tomo 4.º)

CATHARINA I, imperatriz da Russia; nasceu em Livonia (1689), de uma familia pobre e obscura. Depois de casada com um soldado sueco, foi reduzida ao cativeiro; na tomada de Mariembourg, viu-a o príncipe de Menzikoff, em seguida imperador, que a fez sua amante, sendo desta uniao muitos filhos. Foi declarada esposa do Czar, em 1711, e prestou-lhe immensos serviços pela habilidade que desenvolveu na negociação com os Turcos, que o tinham aprisionado nas margens do Pruth. Corôada solemnemente imperatriz (1724), foi reconhecida soberana após a morte de Pedro (1725). Continuou a obra da civilisação por este principiada, e morreu em 1727.

CATHARINA II, tambem imperatriz da Russia, filha do príncipe de Anhalt-Zerbst; nasceu em Stetin em 1729. Por uma conspiração subiu ao throno em 1762, e encetou um reinado glorioso. Fez rei da Polonia seu amante Stanislaw Poniatowski; tirou aos Turcos o Grimeo, Azof, Tangarok e Ismael; desmembrou em 1772, de mãos dadas com a Prussia e a Austria, uma parte da Polonia, cujos restos reuniu aos seus estados. Morreu de uma apoplexia em 1796. Catharina, de costumes dissolutos que lhe desonravão a vida, soube, pela protecção que votou ás letras e ás artes, tornar menos sensível a noção que lhe occupava o manto. Escreveu: *Bibliotheca de historia e de moral*; *Antidoto contra o abbatte Chappe*; *Theatro da Ermida*; *Czarewets-Chlo-re*, etc.

CATHARINA ALVARES (a Paraguassí), americana, filha de um chefe gentio, e mulher de Diogo Alvares, intitulado — *Caramuru-assú*. E' bastante conhecida a historia deste celebre guerreiro, introduzido pela descoberta da Bahia em uma tribo de Indios, que o temião pelas suas armas de fogo. Apesar do supremo poder que exercia, aborreceu elle a vida selvagem e laboriosa que nesses logares passava, e intentou fugir. Um navio que percebeu, demandando terra, fê-lo executar o seu projecto; Diogo foi a nado ao encontro de seus irmãos europeus. Catharina, sua esposa, o acompanhou tambem, lutando com as vagas pelo amor que tinha ao branco. Conduzidos á França, Catharina de Medicis levou á pia baptismal a bella india; esta, voltando de novo á Bahia, depois de correr algum tempo, nova christã, sujeitou ao seu dominio os antigos vassallos de seus antepassados.

CATHARINA DE BORB, religiosa de Wurttemberg. A leitura dos escriptos de Luthero causou-lhe tanta impressão, que, abandonando o seu convento, peregrinou em busca do illustre reformador com quem casou: morreu em 1552.

CATHARINA COCKBURN, dramaturga; distincta na logica; nasceu em Londres em 1679, morreu em 1749. Aprendeu consigo mesma a ler e escrever, e a traduzir o latim e o francez. Escre-

veu: *algumas poesias* na idade de quatorze annos; aos dezeseite, a tragedia *Ignex de Castro*; em 1698 uma outra: a *Amante fatal*, representada com grande acclação e applauso no theatro de Lincoln's-Inn-Fields. Foi acerrima defensora do *Ensaio de metaphysica* de Locke. Além do que já citámos, e de outras obras cujos titulos ignoramos, a illustre penna traçou mais: *Memorias*; *Notas sobre os principios e os raciocínios do ensaio a respeito da natureza e dos deveres que impõe a virtude*, pelo Dr. Rutheford.

CATHARINA DASCHKOVA, poetisa, nasceu em 1744, morreu em 1810. Foi presidente da Academia das Sciencias, onde, segundo a *Biographia Universal*, commetteu mil extravagancias em materias litterarias. Entrou na conspiração contra Pedro III da Russia. Escreveu: *Obras poeticas*, e *Tissikiof*, tragedia.

CATHARINA DESCARTES, sobrinha do philosopho R. Descartes; autora e poetisa engenhosa e delicada. Escreveu: *A sombra de Descartes*; *Narração da morte deste*, e outras obras em prosa e verso. Morreu em Rennes, sua patria, em 1706.

CATHARINA DUCHEMIN, da Academia real de pintura; foi a unica mulher que fez parte desta nobre associação. Pintora de vastos conhecimentos, era eminente nos retratos, e no desenho de flores.

CATHARINA DURAND, romancista e dramaturga; viveu no seculo XVIII. Escreveu com espirito e elegancia; querendo porém encetar a poesia, não foi feliz: sua prosa é muito estimada em França. Existem impressas as suas novellas: *As bellas gregas*; *o Conde de Cardonne*; *a Condessa de Montone*; *os Amores das personagens illustres*; *Memorias da corte de Carlos VII*; algumas comedias e poucos versos baldos de vocação.

CATHARINA DE FOIX, mulher de João d'Albert, rei de Navarra, a quem Fernando tomou esse reino em 1512. Virtuosa, sabia e corajosa, conta-se que ella dissera a seu marido: « Se nascessemos, vós Catharina, e eu D. João, não teriamos perdido o nosso bello solo de Navarra! » Morreu em 1516.

CATHARINA DE MÉDICIS, nasceu em Florença em 1549, morreu em 1589. Esposou em 1553 o duque d'Orleans, que depois snbiu ao throno com o nome de Henrique II de França. — Esta rainha foi uma continua antithese; o bem e o mal achavão nella igual abrigo e desenvolvimento: no mesmo instante em que propiava o veneno, esmolava aos desgraçados; ella nada conhecia que pudesse obstar á sua vontade. Durante os reinados de seu marido e de seu primeiro filho Francisco II, não se envolveu no governo da França; mortos estes, serviu como regente na minoridade de Carlos IX, e desde então a sua influencia na politica foi desmarcada, mesmo no tempo de Henrique III, que tendo-a banido do governo, nunca deixou contudo de consultal-a nos casos perigosos. Teve de lutar com a ambição dos Guises, o fanatismo

dos protestantes, e a democracia da Liga; mas não poupando sacrificios em beneficio da realza, que defendia, nunca traqueou. Atribue-se-lhe a horrenda carnificação do dia de S. Bartholomeu em 1572. As artes muito lhe deverão: foi ella quem mandou edificar os palácios das Tuilleries e Saisons, os castellos de Monceau, Saint-Maur e Chononceaux, etc.

CATHARINA SAWBRIDGE MAC-AULAY-GRAHAM, autora historiographa; nasceu em Ollantigh (condado de Kent) em 1733; morreu em 1791. Escreveu: *Historia de Inglaterra*, 3 vols.; *Notas sobre algumas asserções de Hobbes*, 1. vol.

CATHARINA DE SENA (SANTA), theologa; nasceu em Toscana em 1547; morreu em 1580. Foi embaixadora de Florença perante Gregorio XI, pontífice.

CATHARINA SFORZA, mulher do conde de Furli e Inola. O povo, seduzido e engodado pela palavra « liberdade » pronunciada pelo ambicioso Ortes, subleou-se contra o seu principe e matou-o: Catharina e seus filhos ficaram prisioneiros. Como a fortaleza da capital assistasse aos revoltosos por ser quasi inexpugnavel, e possuir grande numero de soldados e munições, foram elles ter com a princeza para que mandasse ao governador que se rendesse; ao que esta respondeu que, livre, iria ella propria cumprir semelhante missão, emquanto que, captiva, nem um passo daria. Os rebeldes soltarão-n'a, e Catharina, partindo para o forte, tratou de insurgir os soldados contra os regicidas. Quando espalhou-se esta noticia, o furor dos revoltosos igualou-se ao atroz do raio: correrão logo a ameaçal-a com a morte dos filhos se ella persistisse no seu intento, e então a princeza valentemente replicou-lhes que « Maior seria a sua vingança, e mais sangue teria de derramar. Commetter uma baixaza, bradou ella, para que meus filhos se envergonhem da mãe que Deus lhes deu, por certo não o farei! » Essa magnanima resposta muito ajudou-a: os rebeldes hesitáram, e, horas depois, os socorros enviados pelos seus nobres parentes extinguirão a sedição.

CATHARINA TRANTONE, summamente elogiada por L. Jacob na *Bibliotheca das mulheres illustres*. Sabia as linguas grega, latina, hespanhola e a patria; a philosophia, a rethorica e a poesia. Morreu em 1787.

CATHARINA VICAT, habil naturalista; nasceu em 1712; morreu em 1772. Devem-se-lhe grandes melhoramentos na arte de criar e sustentar as abelhas.

CATHARINA DE VIGRY, poetisa e theologa; nasceu em Bolonha em 1413; morreu em 1485. Escreveu: *As sete armas para a batalha espirituall*, que, com outras composições, tiveram quatro edições em diferentes idiomas: *Rosario metrico*, em 5,610 versos hexametros terminados pela syllaba *is* etc.

CESCILIA DO ESPIRITO SANTO, theologa, poetisa e pintora. Escreveu: *Colloquios de uma peccadora*, etc.

CHAISE (a Sra. de LA), mediocre poetisa; seus versos, ainda que bem ideados, são por demais prosaicos, e mal metrificadoss. *O amor*, fabula

em 150 versos, publicada em uma collecção impressa em La Haye, é composição sua.

CHARGE (a Sra. de LA), um dos ornamentos do seculo XVII, como affirma o autor do *Diccionario das mulheres celebres*, foi dotada de um grande genio poetico: as suas produções andão espalhadas em diversas collecções.

CHRISTINA, rainha da Suecia; nasceu em 1626; succedeu a seu pai, e, guiada pelos conselhos do chanceler Oxensteirn, governou primeiramente com sabedoria, depois, enojada da realza, abandonou o throno abdicando em favor de seu primo Carlos Gustavo (1654). Começou a viajar pela Europa; em Bruxellas abjurou o protestantismo; em Fontainebleau, n'um accesso de ciúmes, mandou matar seu amante Monaldeschi. Mulher de algum talento litterario, rodeou-se sempre de sabios, e escreveu algumas obras que compoem 4 vols. Morreu em Roma em 1689.

CHRISTINA DE PISAN, poetisa e escriptora; nasceu em Veneza em 1563; morreu em 1415. Escreveu: *Livro dos tres julgamentos*; *Sentenças moraes*; *Debates de dois amantes*; *Historia de Carlos V*; *Cidade das mulheres*; *Caminho da grande estudo e Visão de Christina*.

CITTA, inventora de novos beneficios para o fabrico do aucropel.

CLARA (SANTA), virgem, abbadessa; fundadora da ordem dos Claristas; morreu em 1255.

CLARA CAMARÃO, americana: O elogio mais pomposo que podemos fazer á essa mulher, e de que ella é digna, consiste em comparal-a no valor e tactica militar ao illustre Brasileiro Camarão. Nos combates serviu ora de capitão, ora de soldado; fadigas, rigores do tempo, horrores das batalhas; nada a atemorizava.

CLARA CANTARINI, poetisa; existiu em 1562. Escreveu: *Poesias*; *Meditações christãs*; *Vida da Virgem*.

CLARA ISABEL FÖRNARI, abbadessa romana; morreu em 1744. Escreveu: *Cartas de uma religiosa*; *Relações mysticas*.

CLARA ISABEL DE RÉMUSAT, litterata e dama da imperatriz Josephina, mulher de Napoleão I; nasceu em 1780; morreu em 1821. Escreveu: *Ensaio sobre a educação das mulheres*, obra mui apreciada pelas mães de familia;

CLAUDIA DA TORRE; sustentou duas vezes o sitio do castello de Tournon, e rechaçou outras tantas os hereses que o fazião. Mandou reedificar os mosteiros e templos, que esses fanaticos arruináram na sua obra de destruição; morreu em 1594.

CLAUDINA FRANCISCA, camponeza do Delfinado. Sua belleza extrema elevou-a progressivamente ás classes superiores da sociedade: casou com Portes d'Amberlieux, depois com o marechal de l'Hôpital, e por-ultimo com João Casimiro, rei da Polonia; morreu em 1711.

CLAUDINA STELLA, pintora e gravadora; nasceu em Lyão em 1654; morreu em 1697. Secundada por sua irmã Francisca, muitos foram os seus importantes trabalhos, sobresahindo entre todos: *Moyse's batendo no rochedo*, e o *Grande Calvario*; obras reputadas primas pelos mestres e entendedores.

(Continúa.)

POESIA.

A MINHA MÃI.

Minha mãe, que sonho a vida,
Nossa existência dormida
N'uma fallaz illusão!
Como rapida se passa,
N'um dia se desenlaça
Da campã na solidão!

Outr'ora flor que nascias,
Botão, que apenas abrias,
Estrella, que o Céu rasgavas,
Aurora doce e brilhante
De rosea côr scintillante,
Que de esperanças nos davas!...

A flor cresceu em perfumes,
Causou á outras ciúmes,
O astro subiu na esphera,
E a aurora doce e amena,
Volyda em manhã serena,
Que bello dia não era!...

Hoje a estrella adormecida,
Já descamba esmorecida
E a flor pende na folhagem;
Lá se foi aurora e dia,
Veio ora a tarde sombria
Com sua tépida aragem.

Oh! não importa que a estrella
Desmaie do céu na téla,
Quando brilha no meu peito:
Como a amára nõ erguer-se,
Eu amo-a mesmo a perder-se
Das ondas nõ salso-leito.

Oh! não importa — a flor pende
Ness'haste, que ao chão se estende,
Mas viva em meu coração;
Eu amo a flor ressequida,
Que perfumou minha vida,
Mesmo rojando nõ chão.

Oh! não importa — essa aurora,
Que ao brilho do sol descora,
Para mim sempre é fulgente;
E se o sol roubou-a ao mundo
Com o seu dia jucundo,
Não arrancou-m'a da mente.

Oh! não importa — é á tarde,
Que o sol não queima, não arde,
Não nos devora a existencia;
Dá-nos em troço a saudade,
Lembranças na soledade,
E doce pranto na ausencia.

Costa Carvalho.

UMA ESQUIVA ORAÇÃO.

Oh! quando eu era menino
Que loucos sonhos eu tinha,
Na nuvem d'ouro que passa
Cria ler a sina minha;
Revivia na memoria,
Esse fastoso da historia
Dos heróes que já passarão,
E no pensar de criança
Vinha-me logo á lembrança,
Esquadrinhar se chorarão.

E pequenino — eu dizia:
Muito grande quero ser,
Porque ao meus o meu nome
Viverá quando eu morrer;
Hei de ter junto a meu peito
Quem saiba entender-me o preto,
Quem saiba amar como eu sei;
Será meu anjo na vida,
Pr'a m'a fazer esquecida
A' recordar-me que amei.

E depois — ó que doudice!
Senti meu seio pulsar,
Tive um sorriso d'infante,
Exclamei — já posso amar!
E saltando de contente
Ao murmuro da corrente
Meus suspiros exhalei,
Porque eu cuidava — coitado,
Que havia de ser amado,
E por não sê-lo murchei.

Hoje — vou como um espectro
Todo de crepe vestido,
Pobre fantasma — erradio
Sigo um trilho já perdido;
Venho rezar — joelho em terra
Sobre a louza que m'encerra,
— Venho pedir meu perdão —
E sobre a campã isolada
Nenhuma c'róa murçada
Nem... uma esquiva oração.

1852.

Andrada Machado.

OS FALLADORES POR ACENOS.

Um embaixador de Hespanha, em Inglaterra, sabia muito erudito, mas taciturno e sympathico, tinha proferido idéas singulares sobre a importancia dos acenos. Um dia que este diplomata se queixava, perante o rei Jaques, da negligencia que por toda a parte se encontrava, de cultivar este meio de communicação, e sobre a falta absoluta de professores desta sciencia importante, lhe disse o príncipe: « Porém, eu tenho um professor tal como desejas, homem mui habil; é verdade que se acha empregado na Universidade a mais remota ao norte dos meus Estados, em Aberdeen, distante d'aqui quasi seiscentas milhas. »

— Sim! Ainda quando fossem dez mil legoas, respondeu o embaixador, desejo vê-lo, e amanhã mesmo me ponho a caminho.

Com effeito partiu no dia seguinte, e o rei, não querendo passar por mentiroso, expediu a toda a pressa um expresso á Universidade de Aberdeen, para annunciar a chegada do curioso viajante, e para insinuar aos professores que o acolhessem o melhor possível e procurassem os meios de o despedirem o mais breve que pudessem. O embaixador foi recebido com grande solemnidade na academia, mas como perguntasse com auxillidade pelo professor de acenos, responderão-lhe que naquella momento estava ausente, que tinha partido para as montanhas da Escocia, e se ignorava quando regressaria.

— Nesse caso, esperarei aqui até que elle volte, respondeu o embaixador, ainda que a sua ausencia dure um anno luteiro.

Conhecendo que por este meio se não vão livres delle, e que por muito tempo gozaria da companhia de S. Ex., os professores resolverão lançar mão de outro recurso. Havia na cidade um tal Geordi, cortador de profissão e cego de um olho; mas homem faceto e mui proprio para representar diferentes papeis; resolverão encarregar-lhe o papel de professor de acenos. Prestou-se a isso, instruirão-no, por consequencia, do como devia conduzir-se, e elle prometeu guardar o mais profundo silencio, e não se explicar senão por acenos.

Advertido o embaixador de haver regressado da sua viagem o professor de acenos, manifestou uma alegria extrema; e á hora designada, embuçado Geordi n'uma batina de professor, com uma grande cabeleira; e sentado n'uma cadeira em uma das salas da academia, foi S. Ex. introduzido. Disserão ao embaixador que podia explicar-se e entender-se como quizesse com o homem habil que se lhe apresentava; e reunidos os professores em uma sala contigua esperavão com impaciencia, mas não sem alguma inquietação, o desfecho desta scena.

O embaixador aproxima-se de Geordi, e levanta um dedo para o ar; Geordi, á este aceno,

levanta dous. O embaixador mostra-lhe então tres dedos, e Geordi, fechando o punho, mostra-lh'o com um ar ameaçador. O embaixador faz-lhe ver uma laranja que tira da algibeira, e Geordi tira tambem debaixo da batina um grande pedaço de pão de aveia que apresenta com toda a politica. O embaixador, parecendo-se satisfeito, faz uma profunda reverencia e retira-se.

Os professores, curiosos de saberem como se havia sahido o seu collega torto, interrogão a S. Ex. « Ah! é um homem admiravel, respondeu o embaixador, vale todos os thesouros da India. Primeiramente mostrei-lhe um dedo, para significar que não ha senão um Deus; elle mostrou-me dous, para indicar que havia pai e filho. Mostrei-lhe tres, para designar o Padre, Filho e Espirito Santo; e elle mostrou-me o punho fechado para mostrar-me que todos estes tres só fazião um. Depois apresentei-lhe uma laranja, para indicar a bondade de Deus, que nos prodigaliza, não só tudo que é necessario á vida, mas tambem as doçuras e prazeres que embellezão a existencia: então esse homem admiravel e milagroso apresenta-me um bocado de pão, para provar que este é o essencial, muito preferivel á todas as precisões do luxo e da vaidade. »

Encantados os professores de terem tirado tão boni partido da sua tentativa, e logo que se despediram de S. Ex., forão ter com Geordi para saber como elle, da sua parte, tinha encarado e explicado a questão.

Acharão-no muito encolerizado. « O vosso embaixador é um insolente, diz elle; primeiro, mostrou-me um dedo para censurar-me de ter um olho só; e eu mostrei-lhe dous para lhe fazer entender que o meu olho só valia tanto como os seus dous; então levantou tres dedos para advertir-me que entre nós ambos não havia senão tres olhos: irritado desta insolencia, metti-lhe o punho pelos olhos dentro, e, se não fosse pela consideração que me mereces, ter-lhe-hia arrumado quatro sócos e meio. Mas ainda ali não ficou aquelle insolente, pois tira immediatamente uma laranja da algibeira, e mostra-m'a; querendo dizer com isto: O vosso pobre, miseravel e frigidissimo paiz, não pôde produzir coisa semelhante. Mas eu, em desforra, mostro-lhe um bocado de pão, para lhe provar que olho com despreso para os seus accenpues, e estava já quasi para lhe atirar com elle á cara, quando tomou a acertada resolução de fazer uma corteza e retirar-se. E que não fosse. »

Os professores rirão a não poder mais destas duas interpretações oppostas, e o rei Jaques, quando soube, desatou tambem a rir, assim como os fidalgos que o rodeavão.

Isto serve para vemos como muitas vezes interpretão-se mal as melhores intenções deste mudo, e vice-versa.

CHRONICA DOS THEATROS.

No sabbado, 7do corrente em casa de nosso amigo o Sr. Dr. Pires, residente em Catumbý, houve um sarão pelo anniversario de sua estimavel mã, ao qual tivemos o gosto de assistir. A reunião era grada e distincta, as salas estavam apinhadas de gente de um e outro sexo: os homens amontoados ás portas que se abrião nas salas; de-voravam com a vista os córdões de moças, que como uma guarnição de rosas, se estendião ao longo das paredes; e as moças com seus olhos scintillantes figuravão estrellas no horizonte da sala.

Infelizmente não podiamos devidamente gozar um quadro tão magnifico: uma dor sombria e aterradora comprinha-nos o peito, e nós não tinhamos sahido do nosso tórpor, quando se tinha acabado a primeira schottisch. Um dedilhar sobre as teclas de um piano acordou-nos, e uma voz humana que se juntou aos sons harmonicos desse instrumento acabou de nos despertar; era uma moça de voz vibrante que principiava a cantar a bella aria dos Puritanos:

Qui tu voce sua suave.

Era de morrer! Aquella musica triste, suave e melodiosa, tão conforme ao nosso estado, insinuava-se até nossa alma, e fazia-nos bater o coração! Nós quizeramos voar dali bem longe!

Mas quando chegou o atrego, e que aquella voz fresca e brilhante começou a cantar

Vien dilletto etc.

Não ficámos em nós; cada nota parecia ter uma acção attractiva e suspender-nos, para seguir-as nesse mar ethereo aonde não extinguir-se: nós nos deixava-mos ir apoz essa voz que nos

arrastava pela acção poderosa de sua belleza e de suas modulações; e quando ella soltou a ultima nota, pura e melodiosa como o son de uma fruta depois da meia noite, deixou-nos saudosos, com as recordações que nós trouxe das noites lyricas do Ercovisario.

Voltamo-nos para um amigo, e fizemos-lhe conhecer as nossas saudades, e queixamo-nos de que estivessem tirando a graça aos bailes mascarados, pela extemporaneidade, e perguntamos-lhe se no dia 9, sempre era a reabertura do theatro? respondeu-nos que sim, e que lhe constava que era com a *Favorita* cantada pela Sra. Jacobson.

Não podemos deixar de nos rir, e de dizermos: será um terrível epigramma! Vejamos.

Infelizmente não se realisou nessa noite a reabertura do theatro.

Mas, porque não se realisou a reabertura do theatro?

Estamos dizendo — que era segredo de gabinete — quando nos chegou o *Diario*, dando noticia de que na quinta feira principiavão as representações lyricas.

Ainda bem. Que principiemos os trabalhos, para que não sejam levados ás justissimas censuras os proprios interessados em dar ao publico amador noites agradaveis nesse theatro.

Não podemos porém dar noticia do que nesta noite se passará, porque estamos escrevendo em quinta feira de manhã, para não nos afastarmos do nosso compromisso, e não interrompermos a regularidade com que estão estabelecidos os trabalhos do *Jornal das Senhoras*.

Para a semana diremos o que vimos e ouvimos a respeito do *Attila*.

E. Z. A.

Os annuncios dos jornaes hollandezes.

Uma gazeta hollandeza é um exemplo assás curioso dos costumes daquella nação; pela maior parte as suas columnas estão cheias de annuncios, de que os seguintes exemplos, extrahidos ao acaso de algumas folhas, darão uma idéa passageira do que elles são. Os annuncios de casamentos, isso occupa consideravel espaço, porém têm suas distincções, alguns são annuncios simples, outros são floreados pelos noivos, por exemplo:

« Aos seus amigos e conhecidos. — Nós os abaixo assignados participamos o nosso mui feliz casamento — F... H... »

« Aos meus prezadissimos amigos — Hontem teve a fortuna de casar-se o que tem o prazer de assignar-se vosso — B... »

Seguem-se os annuncios dos nascimentos, a maior parte dos quaes declarão ao mundo inteiro

que a Sra. D. Fulana deu á luz uma linda e bem formada criança. — Estes ultimos annuncios são sempre assignados pelos maridos, que pela maior parte os acompanhão de mil louvores á sua cara metade.

Os annuncios de mortes são os mais notaveis. « Hoje falleceu, depois de uma molestia de dez dias, a minha queridissima mulher: deixou-me, bem como á sua já idosa mã, no estado de maior desesperação. Chorai commosco vós todos que a conheceis; choral por meus filhos, que ainda não sabem a extensão da perda que soffrêrão; mas que não tardarão a conhecer. »

Outro. « A minha sobretudo querida mulher morreu hontem, e me deixou um penhor da sua amizade que ainda não conta tres mezes de idade. Amargo e insoffrivel é o meu pesar! »

Outro. « Na minha já avançada idade acabo de beber no calis da amargura. Hontem morreu a minha filha, que contava 47 annos de idade. Os que a conhecião poderão avaliar a minha dor, bem como todos aquelles que sabião o bem

que me fazia. Procurarei consolar-me na religião que me sustenta. »

Outro: « O nosso bravo filho a.... e a nossa amada filha também já não existe! Morreu hontem á noite apenas com 20 annos de idade; a dor que sentem seus pais, que em vinte e duas semanas acabão de perder um filho e a unica filha que lhes restava, não se póde explicar por palavras. Amigos da humanidade, não nos atormenteis com as vossas consolações; mas derramai uma lagrima para alliviar-nos em nossa desgraça. »

Mais outro. « Depois de uma grave enfermidade de seis dias, acaba de fallecer hoje o meu nuito amado marido. Profundamente afflicto, com os meus seis filhos, descanço na esperança de sua resurreição, e offereço servir á todos os seus amigos e conhecidos na minha loja, onde acharão á venda o melhor chá, café, e outras mercerarias. »

Destes e outros muitos artigos enchem-se as columnas dos jornaes, de sorte que metade da vida domestica quasi que anda em letra redonda, sem fazer lá por isso reccio á alguém.

Viscondessa da...

Medicina domestica.

OS CUIDADOS QUE SE DEVEM PRESTAR A'S PESSOAS QUE DESMALIO.

Uma das indisposições mais communs ás senhoras, e sobretudo ás moças, são os desvanecimentos chamados em termo tecnico — syncope; e é uso, para cural-as, assentar a doente em uma cadeira de braços e collocal-a diante de uma janella aberta.

Destas duas cousas, uma é excellente, mas outra muito perniciosa: a excellente é o ar; a perniciosa é a posição.

Porque? o que é a syncope? A syncope provém de um pouco de *preguiça* e de languidez do coração, languidez que impede o sangue de correr facilmente para as extremidades, principalmente para o cerebro. O que pois se deve fazer é restabelecer a circulação: para isto desatai primeiro todo o vestuario da desfallecida, sobretudo o *collete*: depois collocal-a em uma posição horizontal, a cabeça um pouco mais baixa que o resto do corpo, para que o sangue possa para ahi correr lentamente; e em vez de se dar alguma cousa a beber, o que encheria o estomago e obstaría inda mais a circulação, lançai-lhe agua fria no rosto, o que produz uma sensação bastante forte para que uma grande aspiração seja a sua consequencia. Esta aspiração estimula o coração e o faz entrar em suas funcções ordina-

rias: é preciso tambem esfregar as fontes e as narinas com um pouco de vinagre, e fazer cheirar saes.

(Do *Tresor de la Maison.*)

REMEDIO PARA AS ESFOLADURAS.

Ainda que de mui pouca consideração, todavia quasi sempre incommodão muito as esfoladuras; e para as curar facilmente empregue-se somente — azeite doce, nada mais. De-se uma queda, da qual resulta o que vulgarmente chama-se um *gallo*, a primeira cousa que se deve fazer é comprimir com uma faca larga o logar machuchado, ainda que doa muito, e depois pôr-lhe azeite em cima sem panno ou chumaço — com este simples processo, fica-se em poucos minutos livre de uma inflamação, que ao contrario ficará roxeada e enfeitando o rosto por muitos dias.

MEIO DE FAZER PARAR OS SOLUÇOS.

Os soluços são effeitos da má digestão: curão-se promptamente comendo um pouco de assucar humedecido em algumas gotas de limão azedo. Porém, como nem sempre se póde ter este remedio á mão; em logar d'elle bastará heber aos góles meio copo d'agua; ou andar algum espaço com a boea aberta, reprimindo ao mesmo tempo a respiração. Este ultimo meio é o mais prompto e infallivel.



CHARADA.

Já andei em quatro pés,
Invertida sou fatal.
Por eu brincar com crianças
Fica-me acaso isso mal??

1
2

O sol imito
Por presumpção
Sou inimigo
Da — Ecuridão —

D. Escolastica P. de L.

CORRIGENDA.

O primeiro dos sonetos que forão publicados domingo passado está firmado com a letra C, e não S, nos originaes que recebemos.

Acompanha este n.º 5 uma estampa com figurinos de meio luto e de passeio.